



GT 061. Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos

Renata de Castro Menezes (Museu Nacional/UFRJ) - Coordenador/a, Rodrigo Toniol (Unicamp) - Coordenador/a

O crescimento da literatura das ciências sociais dirigida às materialidades, objetos e coisas é fato notório. Nas últimas décadas, a diversificação de abordagens teórico-metodológicas mobilizadas pelo tema tem se refletido na consolidação do que já é quase um subcampo disciplinar, com debates prioritários, eventos específicos e publicações regulares a ele dedicadas. O propósito deste GT é dar sequência às discussões levadas a cabo nas três ocasiões anteriores, nas RBAs, e reunir trabalhos dedicados às variadas formas de articulação entre religião e materialidades. Trata-se de dar centralidade às formas materiais de produção da experiência religiosa, apostando, com isso, na possibilidade de que novos horizontes empíricos e desafios teóricos sejam explorados. Entre outras questões possíveis, destacamos três que poderão orientar as reflexões dos trabalhos reunidos pelo GT. Primeiro, como a religião acontece na cultura material? Trata-se de enfatizar como imagens, objetos litúrgicos e devocionais, arquitetura e espaços sagrados mobilizam e são mobilizados em práticas religiosas. Segundo, como alguns objetos ocupam um lugar ambíguo e controverso na relação com a religião? Estatuas, obras de arte e templos históricos são apenas alguns exemplos daquilo que pode ocupar o centro dessa modalidade de relação entre materialidade e religião. Terceiro, como as variadas conformações de vínculo entre religião e materialidade também implicam em formas sensoriais diferenciadas da experiência com o sagrado?

Judeus ou evangélicos? Novos arranjos materiais sobre o sagrado no movimento pentecostal contemporâneo

Autoria: Thayane Fernandes, Arthur Vinícius Gonçalves Ferreira Rodrigo Ludermir de Oliveira

Nas igrejas pentecostais de terceira onda, conhecida como neopentecostais, vimos ressurgir entre os evangélicos a utilização de objetos materiais em seu cotidiano, tendo como o maior expoente a Igreja Universal do Reino de Deus/IURD através de suas rosas unguidas, vassouras abençoadas, sabonetes que purificam o espírito, dentre outros. Atualmente, nos parece que o cenário se expande em direção a outra religião. Distanciando-se da tradicional matriz religiosa brasileira (Bittencourt, 1996), as igrejas pentecostais contemporâneas/independentes, juntamente com o Novo Templo de Salomão - consomem e ressignificam o acervo da cultura material judaica. Neste sentido, justificados pela escassez de pesquisas acerca desta temática, objetiva-se aqui discutir essas materialidades através de uma possível recente configuração no campo religioso brasileiro pentecostal, o que chamamos até o momento - de reinvenção de símbolos do judaísmo?. Objeto de uma dissertação em andamento, esta nova configuração foi pensada a partir do nosso campo de pesquisa - a igreja Ministério Apostólico Bíblico da Graça/ MABG, que está localizada no bairro do Ibura de baixo, na cidade do Recife, Pernambuco, além de outras igrejas. Fundada por um casal de líderes carismáticos (Fernandes, 2017), a MABG tem 19 anos de existência, cerca de 300 membros e desde o ano de 2014 produz novos arranjos teológicos em suas práticas, estes, fundamentados na utilização de elementos - materiais e imateriais - exógenos ao protestantismo, sobretudo, símbolos centrais no Judaísmo. Tais elementos se manifestam nas celebrações do ritual Shabat e das festas judaicas realizadas ao longo do ano na MABG, que segue, grosso modo, o calendário judaico, estas celebrações, estão repletas de símbolos e rituais realizados pelos judeus ortodoxos e messiânicos. São utilizados objetos como a quipá, o talit, o shofar, a menorá, a bandeira de Israel, estes, ocupam um lugar dúbio e por vezes, controverso no corpo das práticas da igreja - que cada vez mais aparenta (e afirma) buscar a essência da igreja primitiva - ao assumirem diferentes significados nas igrejas pentecostais contemporâneas. Buscamos, por meio do work



etnográfico, analisar como este corpo de fiéis mobiliza e é mobilizado pela narrativa e prática simbólica e material da cultura judaica. Refletindo sobre os processos de desencantamento e reencantamento do mundo (Weber, 1982), dialogamos teoricamente com Latour (2012), Appadurai (2008) e Geertz (1989), e posteriormente somos conduzidos a pergunta de reflexão suscitada com este work: quais os fundamentos, efeitos e possibilidades dessa reinvenção e incorporação da cultura material judaica na MABG e, se viável, no pentecostalismo contemporâneo brasileiro?



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:



Apoio:



Organização:

